

# Um olhar geográfico sobre festas, aniversários e celebrações

## *A geographic view on parties, birthdays, and celebrations*

Carolina Machado Rocha Busch Pereira<sup>1</sup>

Daniella Cardoso Sardinha<sup>2</sup>

Rosane Balsan<sup>3</sup>

### Resumo

Partindo do pressuposto de que a festa é uma oportunidade para compreender a natureza do laço territorial, o presente trabalho caminha pelas estradas da Geografia Cultural em busca do contexto histórico e das origens das festas, celebrações e comemorações de aniversários. A problemática da pesquisa está circunscrita ao tema das festas infantis e sua relação com o debate teórico e conceitual da Geografia Cultural, e ao debate da festa e importância que o lugar desempenha na realização desta. É um trabalho de natureza teórica, e o percurso metodológico desenvolvido foi o realizado pela pesquisa qualitativa, que consiste em um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo, que neste caso é reconhecido pelas festas e a relação com o lugar. Dada a natureza teórica, o presente trabalho não apresenta conclusões encerradas, mas oferece caminhos para a reflexão sobre a temática e contribuições com o levantamento bibliográfico realizado.

**Palavras-chave:** Lugar. Cultura. Geografia Cultural.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins no Curso de Graduação em Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado), coordenadora do Laboratório de Práticas e Metodologias de Ensino de Geografia (LEGEO). Contato: carolinamachado@uft.edu.br

<sup>2</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, IFTO, campus Palmas. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. Contato: daniellassardinha@ifto.edu.br

<sup>3</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins no Curso de Graduação em Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado), coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos e das Cidades (NEUCIDADES). Contato: rosanebalsan@uft.edu.br

## Abstract

Assuming that the party is an opportunity to understand the nature of the territorial link, this paper walks the roads of cultural geography in search of the historical context and of the origins of parties, celebrations and birthday celebrations. The issue of research is limited to the issue of children's parties and their relationship with the theoretical and conceptual debate of cultural geography is limited to the party debate and the importance that the place plays in the realization of it. It is a theoretical work and the methodological approach developed was conducted by qualitative research, which is a process of reflection and analysis of reality through the use of methods and techniques for detailed understanding of the subject matter, which in this case is recognized by parties and the relationship with the place. Given the theoretical nature, this study does not present conclusions closed, but offers ways to elaborate on the issue and contributions to the literature performed.

**Keywords:** Place. Culture. Cultural Geography.

## Introdução

O espectro de teorias sobre festas é amplo, pois o tema mobiliza diferentes disciplinas da grande área de ciências humanas e sociais de modo geral. Todavia, o presente trabalho dialoga com a temática “festa” a partir do olhar geográfico cultural, que, segundo Maia (2001), transpõe as fronteiras existenciais e se projeta nas práticas rituais como marca da tradição, auxiliando na compreensão do significado de ser humano.

É fato que já temos certo consenso entre os antropólogos de que a festa está originalmente ligada ao sagrado. A dimensão transcendente do homem se expressa misturando cotidiano e diferença na vida das comunidades ou grupos. A festa desponta como uma ruptura circunstancial na sacralidade, afirmou Freud (2013), e provoca uma ruptura nos trabalhos e nas tarefas para olhar a dimensão misteriosa da transcendência. Uma reunião do humano com o divino, um dinamismo de purificação, uma espécie de catarse coletiva para esquecer o absurdo da vida (FREUD, 2013).

A presente pesquisa parte do pressuposto de que a festa é uma oportunidade para compreender a natureza do laço territorial, assim o presente trabalho investiga a origem das festas, celebrações e comemorações de aniversários, tecendo o debate teórico a partir do olhar da Geografia Cultural. A problemática da pesquisa está circunscrita ao tema das festas infantis e sua relação com o debate teórico e conceitual da Geografia Cultural.

Trata-se de um trabalho de natureza teórica, e o percurso metodológico desenvolvido foi o realizado pela pesquisa qualitativa, que consiste em um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo, que neste caso é reconhecido pelas festas e a relação com o lugar

Dessa forma, a pesquisa se aproxima do método fenomenológico, que concebe o espaço vivido e experimentado pelos sujeitos envolvidos nas festas infantis como dimensão da existência, e guarda em si importância para compreender a experiência sujeito-mundo.

Uma das características do método fenomenológico trata-se da redução transcendental ou redução ao sujeito, o que significa que o interesse está voltado para a essência ou ideia de um dado fenômeno a partir da percepção do outro (o sujeito), e não do próprio pesquisador.

De acordo com Souza (2013), a fenomenologia foi originalmente pensada como método rigoroso voltado ao estudo da subjetividade, tendo como principal expoente o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938).

Logo, a fenomenologia, filosofia iniciada no alvorecer do século XX, por Edmund Husserl, constitui uma das principais bases das correntes humanistas em campos científicos, como a geografia e a psicologia. Que através da experimentação objetiva, a escola fenomenológica busca a investigação dos aspectos subjetivos da realidade, a partir de um método próprio. (SOUZA, 2013, p. 35).

Husserl se apoia na ideia de estrutura transcendental do ser humano, capaz de ir além do objeto físico, por meio de vivências. Entre tais vivências, encontra-se a percepção, que possibilita ao sujeito transcender o próprio corpo no momento em que constrói um correlato do mundo exterior, ao percebê-lo.

## **1 Festas e celebrações: concepções teóricas e conceituais**

As festas provocam a exploração dos sentidos, aguçando o imaginário do indivíduo partícipe, mesmo que por algumas horas, pois o momento de experienciar, ou seja, as vivências propriamente ditas, remete a outros lugares e espaços.

As festas acontecem em extensões existenciais, em qualquer espaço onde as pessoas possam se encontrar e comemorar um acontecimento. Logo, “a festa promove um recorte e constrói um cenário que pode ser social, religioso,

militar, dentre outros, identificado pelos símbolos da tradição onde as pessoas vão interagir se vestindo, se movendo, cantando e dançando como personagens de uma cena” (LOBATO, 2008, p. 14).

Segundo Gómez (2011), a festa supõe um momento muito especial na história dos grupos humanos, permitindo dimensionar sua vida desde um passado vivencial a um futuro de esperança.

Festa também é a própria sociedade urbana em ato, é o resumo da vida em sociedade. Para Linhares (2007, p. 7), “o espaço tempo da festa é reanimado na sociedade urbana, onde o homem reencontra-se com sua atividade através da atribuição do sentido”. Portanto, independentemente da característica, do conceito e dos símbolos direcionados às festas como um todo, sabe-se que o indivíduo será adepto a ela, conforme suas circunstâncias, desejos, idealizações e escolhas.

Com a festa e as celebrações busca-se redescobrir o sentido da vida, e segundo Freyre (1975), pode-se afirmar que a festa teve suas origens na experiência coletiva e social do sagrado. Por sua vez, Terra (2010) descreve a festa do ponto de vista da Geografia e admite ser uma oportunidade para compreender a natureza do laço territorial, que permite

[...] perceber os signos especializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade. A festa possui, com efeito, a capacidade de produzir símbolos territoriais cujo uso social se prolonga bem além de sua duração. Esta simbólica festiva une e qualifica lugares. (DI MÉO apud TERRA, 2010, p. 216).

Para a Geografia Cultural, ainda de acordo com Terra (2010, p. 216), “a festa é compreendida a partir da ética de suas dimensões política, econômica e simbólica, onde se liberta da visão de cultura como entidade supra-orgânica, independente, pairando sobre a sociedade e determinando as suas ações”.

A cultura, na visão geográfica, de acordo com Duncan (2003), é uma construção social, podendo ser edificada e reedificada, vivida de forma diferenciada pelos diversos grupos sociais, resultantes de uma combinação de descrições relativas à religião, etnia, gênero, idade, classe, dentre outras.

Ferreira (2000) apresenta a festa como categoria da cultura, observando dois aspectos válidos para sua compreensão:

O primeiro é a capacidade que a festa possui em trazer experiências culturais vivenciadas por uma determinada

população. Segundo aspecto é que mesmo contrariando as práticas intencionais concebidas no momento da festa, os usos e costumes de um povo vivenciados pelo cotidiano são moldados através da cultura. (FERREIRA, 2000, p. 25).

Nesse contexto, a festa pode ser reconhecida como uma produção social capaz de gerar vários produtos, sendo eles materiais, comunicativos ou simbólicos. Ou seja, a festa pode assumir um papel de produção por meio de uma identificação (GUARINELLO, 2001).

Terra (2010, p. 218) refere-se aos símbolos como sendo

Representações de expressão, transcendência e valor, que podem expressar vários significados. Estes símbolos são sujeitos a diferentes interpretações de acordo com as experiências de cada grupo social e constituem também um meio e uma condição social.

Guarinello (2001) caracteriza a festa como a concretização de uma determinada identidade. Ela é comemorada e permanece registrada na memória dos participantes como um afeto coletivo, como a conexão das expectativas individuais, ou até mesmo um ponto em comum que define os sujeitos. Também para ele, a festa é, em um vasto sentido, a produção de memória e identidade no tempo e no espaço social.

Para Cosgrove (2003, p. 103), ao mesmo tempo em que a atividade humana é simbólica e material, também é considerada como de comunicação e produção. Os estudos sobre festa também abordam as dimensões econômicas e políticas. Sendo assim, “a festa passa a ser utilizada com recurso, sendo apropriada como uma das possibilidades de delimitação das particularidades locais frente ao mercado global” (TERRA, 2010, p. 219).

Cavalcanti (2013, p. 2) apresenta alguns aspectos e teorias sobre as festas, que possuem um sentido amplo e mobilizam diversas disciplinas nas áreas humanas em geral. Para a autora, a compreensão da festa baseia-se no fato de ela ser tratada não “como uma instituição autônoma, mas como uma atividade ritual por excelência, a fim de compartilhar características-chaves com outras atividades e condutas simbólicas”.

Lobato (2008) enfatiza que as festas estão cada vez mais sendo reconhecidas no campo das humanidades como um fenômeno necessário para a renovação e restauração do equilíbrio coletivo e descreve que toda civilização deve ter um elemento lúdico que a implique na limitação e no domínio próprio do ser humano, bem como na sua capacidade de não tomar decisões acerca do

fim da humanidade, pois é nesse contexto que se encerram os limites aceitos. Ou seja, o entregar-se ao momento festivo torna-se uma conduta essencial à convivência com o coletivo, pois o indivíduo pode renovar suas energias, aliviar seu estresse cotidiano e retomar sua rotina com uma carga menos pesada, e assim fluir sua existência na sociedade.

O elemento lúdico vem sendo um referencial garantido nas festas, pois os indivíduos, para “conviver com suas limitações acordadas em sociedade, desenvolveram uma espécie de fair play<sup>4</sup>, que seriam ações realizadas de boa-fé e com um evidente sentido lúdico” (LOBATO, 2008, p. 13).

Todavia, ainda segundo Lobato (2008), a essência da festa estaria na capacidade de despertar e animar os sentidos. E ainda de acordo com a autora, o “participante na festa perde o domínio da percepção e imerge no terreno das ‘dimensões ocultas’ que o remetem, por sua vez, à dimensão do imaginário”. Essa dimensão oculta citada por Lobato são as dimensões da existência que deixam de corresponder às formações tradicionais ou às configurações estabelecidas do espaço cotidiano e, em geral, contestam e destroem tais formas.

Mas qual a origem das festas e como ocorreu o início das comemorações de aniversários?

## 2 A origem das comemorações e das festas

Desde a mais remota existência do ser humano verificam-se encontros entre os homens. Os planos de caça e atividades de guerra eram discutidos em reuniões, dentro de uma área preestabelecida, com objetivos definidos. E certamente essa atividade abriu caminhos para que as civilizações futuras viessem resguardar um lugar para suas reuniões e encontros (CANTON, 2002).

Quando se fala em comemorações, também se pensa em reunir pessoas de nosso convívio para participar desse momento. As festas de aniversário são um exemplo de reunião social capaz de concentrar um número considerável de pessoas em prol de um objetivo, que é congratular a vida de uma pessoa.

Segundo Guérios (1979), a palavra “aniversário” é de ascendência culta, pois se fosse popular teria sido “anevesseiro”; e por causa do adjetivo *aniversarius*, na linguagem da Igreja, ela se introduziu no falar cotidiano.

---

<sup>4</sup> Jogo limpo, honestidade.

Também é compreendida através da palavra “anual, relativa ao dia do ano que corresponde a qualquer acontecimento notável”.

Como todos os dias celebram-se milhares de aniversários no mundo, é importante conhecer qual a origem desse costume. Todavia, celebrar não é algo novo na história, especialmente quando se pensa em aniversário.

De acordo com Ralph Linton e Adelin Linton (1952), os aniversários são comemorados desde o Egito Antigo, ou seja, surgiu por volta de 3000 a.C. Tanto os egípcios quanto os gregos, que adotaram o costume, restringiam as comemorações apenas a seres superiores, como faraós e deuses. Com o tempo, o hábito foi se estendendo aos mortais e contaminou também os romanos, que davam o privilégio ao imperador, à sua família e aos senadores. Nos primórdios do cristianismo, o costume foi abolido por causa das suas origens pagãs. Foi somente no século IV d.C. que a Igreja começou a celebrar o nascimento de Cristo, com a convenção do dia 25 de dezembro. Com isso, ressurgiu o hábito de festejar aniversários, e pouco a pouco foram surgindo as peças simbólicas: o bolo, a vela, o convite, dentre outras.

No final do segundo milênio, no tempo de Ramsés, o calendário egípcio apresentava uma sequência de aniversários, ou seja, em cada dia era comemorado um acontecimento na vida dos deuses. Também na mesma época, o nascimento de uma criança era cuidadosamente anotado, pois o dia e a hora permitiam adivinhar seu futuro, segundo acreditavam os egípcios (SANTOS, 2013).

Na Roma Antiga, todo ano se homenageava a deusa da caça, Artemis, com várias velas em cima de bolos de mel redondos, para simbolizar a Lua, que, segundo a mitologia grega, era a forma de Artemis se expressar (LINTON; LINTON, 1952). O hábito de comemorar o dia do nascimento, de acordo com Tomanik (2010), estava ligado à ideia de que, na data de aniversário, anjos malignos vinham roubar o espírito do aniversariante, então era preciso tomar medidas para prevenir isso. E, no dia do aniversário, alguns presentes e objetos de proteção eram espalhados ao redor do aniversariante para afastá-lo do mal. Os familiares e amigos se reuniam e entregavam os objetos às crianças. Essa tradição foi evoluindo e chegou aos costumes atuais de presentear os aniversariantes.

Vale destacar que, para os romanos, os dias de festas eram sempre feriados, e era a religião que determinava a distribuição irregular dos dias de descanso ao longo do ano. Eles celebravam uma grande festa anual com real fervor, segundo Santos (2013): era o aniversário do pai de família, festejado em homenagem ao seu gênio protetor.

O aniversário, como evento, nem sempre foi registrado a partir da ideia de marcação progressiva da idade. Mesmo sendo difícil precisar a origem das comemorações dos aniversários, algumas fontes, de acordo com Frazer (1982), apontam a mitologia grega com relatos de plantações feitas por Apolo, pois ele, apesar de suas muitas funções, ainda fazia prosperá-las e, na época das colheitas, eram-lhe ofertadas muitas dádivas.

Assim, os primeiros frutos colhidos eram ofertados na festa em comemoração ao aniversário de Artêmis e Apolo. Possivelmente, a data desta festa seria nos dias 6 a 7 de targélion<sup>5</sup>, e o mês de colheita, correspondendo a 24 a 25 de maio. (FRAZER, 1982, p. 68).

Pode-se perceber que os fatos não são claros quando se trata de registros históricos. Lebrun (1987) destaca que, nessa mesma época, as pessoas poderiam até saber a data de seu nascimento, mas elas também indagavam se o retorno anual dessa data seria festejado. A autora ainda relata que se fosse averiguar nas histórias bíblicas em que é mencionada a celebração dos aniversários, estes teriam acontecido entre os séculos XIV e XV antes da nossa era. Atesta-se que a existência dessas celebrações data de alguns séculos mais tarde, quando seria possível verificar a comemoração dos aniversários no Egito Antigo.

Por ser uma religião de festas, o paganismo possibilitava a coexistência dessas seitas ou confrarias: “[...] o culto não passava de uma festa com a qual os deuses se divertiram, pois nela encontravam o mesmo prazer que os homens” (VEYNE, 2009, p. 161). As festas “constituíam-se de sacrifícios em homenagem aos deuses, sempre seguidos de uma refeição, na qual o animal sacrificado era comido e seus restos oferecidos aos deuses em um altar nas casas” (SANTOS, 2013, p. 54).

Com o tempo, esse hábito acabou por chegar à Alemanha, na Idade Média, onde os camponeses festejavam os aniversários dos seus filhos com um bolo no qual havia velas em número idêntico à idade da criança e mais uma vela que simbolizava a luz da vida (LINTON; LINTON, 1952).

Para se perceber a importância dos aniversários natalícios, deve-se compreender que, na Idade Média, as pessoas tinham uma crença profunda na existência de espíritos bons e maus. Todos recebiam que os espíritos maus

---

<sup>5</sup> Segundo mês da primavera dos antigos gregos (meados de maio a junho).



causassem mal ao aniversariante, por isso este ficava rodeado pela família e pelos amigos, cujos votos de felicidade o protegeriam contra os perigos desconhecidos que esse dia supostamente representava. A oferenda de presentes resultava numa proteção mais forte e, quando acompanhada por uma refeição em conjunto, ajudava a invocar a presença dos espíritos bons (PRIORE, 2010).

Pode-se, portanto, identificar que, nesses tempos, a festa de aniversário natalício destinava-se essencialmente a proteger a pessoa do mal e tentar garantir que ela tivesse um bom ano.

As festas no Brasil remontam à colonização e são carregadas de religiosidade, sendo, até os dias de hoje, comumente definidas como uma mistura sincrética de catolicismo, espiritismo, cultos afro-brasileiros e indígenas. A tônica dos movimentos religiosos populares está em cultuar os santos católicos associados às entidades afro-brasileiras, particularmente mediante as peregrinações das romarias e das promessas milagrosas (LINTON; LINTON, 1952).

No período colonial, já existia uma preocupação com a comemoração, caracterizada pela realização da festa, a qual possuía diversos olhares: o olhar domesticado, a festa desejada ou idealizada e a festa dos segmentos da sociedade (PRIORE, 2010).

Canton (2002) assinala que as festas no Brasil colonial tinham caráter coletivo. O primeiro evento ocorrido no território brasileiro e em espaço destinado para tal realização foi um baile de carnaval, em 7 de fevereiro de 1840. O baile aconteceu nos salões do Hotel Itália, na cidade do Rio de Janeiro, depois da proibição do entrudo, o precursor do Carnaval. Naquele mesmo ano e mês, o Café Neville também anunciava seus bailes (MEIRELLES, 1999).

Para Priore (2000, p. 17), “às pessoas que estivessem articuladas com o Estado Moderno ou com a igreja, a festa deveria simbolizar o poder do monarca ou do pantaleão católico, o que não obrigava necessariamente o vivido histórico e corresponder à representação que se fazia dela”.

O povo, constrangido à obediência civil ou a mortificações e abstinências em nome da fé (CANTON, 2002), acabava por transformar seu evento em um evento social ou de emoção, em um fenômeno de oportunismo lúdico, num meio social cuja simplicidade favorecia em tudo o controle das autoridades.

A princípio, de acordo com Priore (2010), todas as festas eram direcionadas às festas religiosas. Elas iniciavam com um ritual que procurava ressaltar que

a oportunidade de realizá-la era proporcional à vinculação entre a comunidade que celebrava e o Estado que dava motivos para festejar.

Essa “festa-concessão” aparece em documentos em que fica claro que é decorrência do calendário real, ou religioso, e que, portanto, é preciso estar ligado ao rei, à Igreja, para dela participar. Seu caráter concessivo é também salientado pelo fato de seus porta-vozes – aqueles que a anunciam publicamente – estarem ligados ao poder. (PRIORE, 2010, p. 29).

Com a fixação dos dias santos pelo Papa Urbano VII (1623-1644), todos deveriam respeitar o Natal, a Circuncisão, a Ressurreição e suas oitavas, a Ascensão, o Espírito Santo, a Purificação, a Anunciação e datas festivas de inúmeros santos. Também a essas datas se acrescentavam os domingos e os dias dos padroeiros de cada cidade, vila e freguesia, além dos dezoito feriados oficiais civis, quando somente os escravos trabalhavam (CANTON, 2002).

Era difícil ocorrer um dia sem festejo. Tais oportunidades de sociabilidade jamais dispensavam a música, quer marcial, quer religiosa. E foi nesse contexto, de acordo com Canton (2002), que surgiu a nota profana nos eventos devoto-oficiais.

Parte marcante dessas festas era a presença de crianças. Segundo Priore (2000), na infância, as crianças são espectadoras dos festejos, mas elas também aparecem como protagonistas. A valorização da criança cresce no Brasil entre os séculos XVII e XVIII, para acompanhar as reformas religiosas, a sedimentação do casamento e da família, tendo ainda seu papel na receptividade que esses pequenos figurantes encontraram nos comportamentos sociais desse período.

Schmitt (2009) elucida que, desde a Antiguidade até o século XIX, existiu um modo diferente de aniversário, ligado às representações religiosas dominantes que separavam as etapas da vida, das idades da vida – um modelo temporal muito diferente do que se vive hoje.

Conforme assegura Lebrun (1987), neste mesmo século, o indivíduo nunca foi tão pronunciado como em outra época.

E, em meio às amplas transformações políticas, econômicas e sociais que vinham ocorrendo na sociedade ocidental, e com elas a exaltação da idade de indivíduo, surgem os novos sentimentos de família e com ele o sentimento de infância, o qual deu às crianças maiores esperanças de vida devido ao reconhecimento das suas particularidades. (SANTOS, 2013, p. 55).

Foi a partir do início do século XIX, com a modernidade, que o aniversário passou a ganhar as formas que se vê na atualidade. Schimitt (2009) afirma que o aniversário moderno tem como referência a data de nascimento, mas isso só foi possível à medida que se libertou da tradição cristã, pois na Idade Média via-se no batismo um renascimento, e nas festas dos santos, uma lembrança do seu nascimento para a verdadeira vida.

O século XIX marcou o fim das duas tendências responsáveis pelas festas populares no Brasil, que segundo Canton (2002) foram: a medieval, dos torneios e jogos carnavalescos; e a barroca, das grandes montagens cênicas dos símbolos do poder.

A velha fórmula religião-espetáculo resistiu ainda algum tempo ao período colonial, passando a perder sua força com o surgimento, ao longo do segundo império, das diversões públicas dirigidas ao gosto das camadas burguesas: as festas carnavalescas de rua e as diversões em ambientes fechados, como os bailes públicos e os espetáculos de teatro musicado. (CANTON, 2002, p. 56).

A celebração do aniversário de nascimento no Ocidente, segundo Ferreira e Rocha (2000), está atrelada a um contexto de transformação da civilização, na qual foi estabelecida uma progressiva ordem laica da construção dos seres sociais como indivíduos, da emergência da vida privada em oposição à vida pública e a emergência da centralidade da infância.

Tal centralidade compreendida, no contexto do surgimento da modernidade, onde o ponto importante à sobrevivência física das crianças, fruto da evolução das relações sociais estabelecidas na Idade Moderna, momento em que a criança passa a ser uma preocupação da família, e consequentemente, começa a ser percebida como indivíduo social na coletividade. (SANTOS, 2013, p. 56).

Sirota (apud SANTOS, 2013, p. 55) destaca que, hoje, o aniversário apresenta uma importância efetivamente econômica, e atualmente “[...] não se festeja mais um pertencimento a um conjunto, mas a aparição e a unicidade de um indivíduo”.

De acordo com Lorrosa (1998), o nascimento de uma criança é uma continuidade com o ser humano e com o mundo, pois, de um lado, estabelece-se o começo de uma cronologia em que a criança irá perfazer a trilha de seu

desenvolvimento, da sua gradativa individualização e socialização; de outro, o nascimento constitui um acontecimento na continuação da história do mundo.

O dia em que nascemos implica, entre outras coisas, lembrar nossa história de vida. Segundo Silva (2002), esse lembrar, em razão do seu valor simbólico, visa, sobretudo, as coisas que se transformam. Para Santos (2013), comemorar o aniversário como rememoração do dia do nascimento pode ser, então, uma forma de testemunhar a continuidade temporal de uma pessoa.

Conforme Elias (1998), nas sociedades ocidentais, o dia do aniversário de uma pessoa é marcado a partir da passagem do tempo. O ano é considerado como um movimento periódico que permitirá medir a idade, sendo contado a partir da data de seu nascimento.

Os dias do mês constituem um motivo temporal cuja repetição marca, simbolicamente, o retorno do nosso aniversário, enquanto, no plano social, e seja qual for a era de referência – islâmica, cristã, judaica ou japonesa - a acumulação de milênios que não voltarão jamais coloca à disposição do indivíduo uma série de símbolos que lhe permitem calcular, desde seu nascimento, o número de vezes em que, o Sol, em seu movimento aparente tornou a ocupar uma posição socialmente padronizada, em outras palavras, quantos anos já têm atrás de si. (ELIAS, 1998, p. 26).

Santos (2013) destaca que a data de nascimento é um fato essencial da vida, que ocupa um lugar também no campo jurídico, sendo seu conhecimento um dado importante e uma exigência para obtenção de documentos legais e necessários ao exercício de certos direitos. O registro de nascimento é obrigatório em nossa sociedade, portanto, imprescindível para o indivíduo.

A preocupação de conhecer a data de nascimento, quando pensada sob a perspectiva histórica, está atrelada à necessidade do homem civilizado de contar as suas populações e conhecer seus dados estatísticos (SANTOS, 2013). Já nas sociedades modernas e pós-modernas, as festas surgem associadas aos grupos não formais, pois

[...] dentro de um condicionamento econômico e social igual, torna-se impossível, muito mais que antigamente, “fazer a festa” com aqueles de quem gostamos, porém, contudo, a festa sempre teve um caráter misto, ao mesmo tempo cerimonial e divertido. (CANTON, 2002, p. 58).

A festa cria uma possibilidade de expressão mais livre, cujo limite está nos meios próprios de cada classe social e no equilíbrio necessário ou escolhido entre os diferentes tempos sociais. Atualmente, as festas de aniversário servem para celebrar a conquista de mais um ano de vida, e já não se invoca espíritos bons nem se tenta afastar espíritos maus. Trata-se essencialmente de um dia que se quer feliz e alegre, passado na companhia das pessoas que são mais queridas e importantes (PRIORE, 2010).

## **2 Símbolos, lugares e festas**

Os geógrafos humanísticos afirmam que os lugares são repletos de símbolos, e a simbologia não se restringe aos centros de afetividade, despojamento ou experiência. Ressaltam que os lugares e símbolos adquirem profundo significado através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos e merecem considerações especiais (MELLO, 2008).

Os símbolos afloram na experiência direta, transmitidos por outras pessoas ou apenas cultuados nos sonhos. Alguns são transitórios, outros imorredouros. Mas permanecem sendo construídos ou esquecidos pelos indivíduos e grupos sociais nos mais diversos lugares, espaços e “deslugares”. (MELLO, 2008, p. 10).

Os símbolos tornam-se a identidade do lugar, de um povo, uma comunidade; e os símbolos das festas são inseridos pelos costumes e vivências apresentados através da história.

Conforme Ferreira (2000), a festa também é um lugar simbólico através do qual eram vinculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conceitos de significados na disputa pelo monopólio da informação e até mesmo do controle social.

Dessa forma, a fim de conhecer os significados dos símbolos para as festas de aniversário, a presente pesquisa apresenta as simbologias utilizadas em festas infantis: o uso de cartões, os convites para festa, os balões, os doces e a música cantada como parte da cerimônia do aniversário.

De acordo com Berland (2010), os pioneiros no envio de cartões foram os ingleses, no começo do século XX. A ideia não era apenas desejar bons votos, e sim pedir desculpas por não comparecer ao aniversário. Para eles, não ir sem dar uma satisfação era – e ainda é – falta de educação. Hoje, é habitual enviar convites a possíveis participantes da festa, mas não se espera dos faltosos o envio de cartões.

O uso de balões foi incorporado aos aniversários no século XIX. Esse artefato, inventado a partir de experiências com gases, foi considerado divertido para as crianças. Aliás, acredita-se que os balões eram feitos a partir de tripas de animais e foram os primeiros brinquedos inventados. O ato de fazer barulho também era um costume antigo para espantar os maus espíritos.

Atualmente, os balões são peças de decoração tanto para a mesa principal como para o arranjo das mesas dos convidados ou outros ambientes, conforme a escolha do tema e da decoração.

Segundo Santos (2013), de acordo com a mitologia grega, Artêmis, deusa da caça e da fertilidade, era representada pela Lua, e sempre no dia 6 de todos os meses ela era homenageada com um preparo de pão e mel em forma de Lua, e as velas (simbolizando a ligação com o espiritual e proteção) que o acompanhavam representavam o luar.

De acordo com Berland (2010), os doces oferecidos foram guloseimas introduzidas nas festas aos poucos e poderiam variar de acordo com a cultura local, como até hoje acontece. O doce mais famoso dos aniversários é brasileiro e surgiu através da incorporação do chocolate ao leite condensado, com o intuito de homenagear o brigadeiro Eduardo Gomes, candidato à eleição presidencial no fim da Era Vargas, em 1945. O brigadeiro acabou perdendo as eleições, porém, o doce foi um sucesso, surgindo então o doce mais usado nas festas (SHINOHARA, 2013).

A partir daí, a guloseima ganhou fama e tornou-se a paixão das crianças. Conforme Castilho (2012), a junção do leite condensado com o chocolate em pó resultou em um perfeito casamento e já completou mais de meio século fazendo parte do universo das iguarias nas festas infantis, encantando crianças e adultos. Desde então, o brigadeiro, também popularmente conhecido como “neguinho” no Rio Grande do Sul, conquista paladares no Brasil e no mundo (QUINTAS, 2010).

O “Parabéns a você” é a melodia mais conhecida e mais cantada no mundo em todos os tempos, de acordo com Gehringer (2001). O autor descreve que a melodia teve sua origem nos Estados Unidos, em 1875, com as irmãs Mildred e Patricia Smith Hill. Elas foram professoras primárias da cidade de Louisville, no estado de Kentucky, e resolveram compor uma quadrinha<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Espécie de trova popular, com versos formados por sete sílabas, muito usada para desafios, provérbios populares e adivinhas.

para seus alunos cantarem quando chegassem à escola. Do resultado surgiu a letra “*Good morning to all*” (Bom dia para todos), uma simples música cuja letra se resumia a um verso cantado repetidamente por quatro vezes.

Mais tarde, segundo Gehringer (2001), no ano de 1924, foi lançado um livro de partituras, o *Celebration Songs*, e como na época não havia nenhuma música específica para ser tocada nos aniversários, a editora utilizou a música das irmãs Hill, renomeando-a de “*Happy birthday to you*” (Feliz aniversário para você). Essa mesma melodia foi usada em uma peça teatral na Broadway, em 1983, sofrendo uma pequena alteração na letra: o “*to you*” (para você) foi substituído por “*dear*” (querido), sendo acrescentado em seguida o nome do aniversariante.

O autor também destaca que a música se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil no final da década de 1930. Aqui, era cantada apenas em festas de famílias ricas e em inglês. Incomodado com a música cantada no idioma estrangeiro, o cantor Almirante, pseudônimo de Henrique Foréis Domingues, apresentador de um programa na Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, decidiu promover um concurso para a escolha de uma letra e melodia em português.

Foi no ano de 1942 que o evento aconteceu, tendo como campeã Bertha Celeste Homem de Mello, formada em Farmácia, com 40 anos de idade. Ela apresentou seu verso composto por quatro linhas diferentes (GEHRINGER, 2001).

Quem canta “Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida” comete três erros, que na opinião da autora da letra são gravíssimos. Na primeira linha, o certo é “parabéns a você”, e não “pra você”. Na segunda, o correto é “nesta”, e não “nessa”. E, na terceira, “muita felicidade” é no singular, e não no plural. E os versos de “é pique, é pique, é pique, é hora, é hora, é hora” cantado no final da canção não tem nada a ver nem com a melodia original, nem com o que foi escrito por Bertha. (GEHRINGER, 2001, p. 1).

Versão original de “Parabéns a você”, por Bertha Celeste Homem de Mello:

Parabéns a você  
nesta data querida,  
muita felicidade,  
muitos anos de vida.

O tempo da festa tem se tornado, ao longo da história, um tempo de utopias (PRIORE, 2010). Essas utopias estão atreladas à fantasia, às liberdades que se manifestam em um território lúdico, nos quais se exprimem as frustrações, as revanches e as reivindicações de vários grupos da sociedade.

O tempo suntuoso da festa esconde o calendário de rotina e trabalho dos homens, substituindo um feixe de funções. Uma hora, assume papel de suporte para a criatividade de uma comunidade; outra hora, afirma a perenidade das instituições de poder.

A festa também é um fato político, religioso e simbólico. Os jogos, as danças, as brincadeiras e as músicas que a compõem não só significam descanso, prazer e alegria durante sua realização, pois

[...] permitem às crianças, aos jovens e aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. A alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças. (PRIORE, 2010, p. 36).

A festa pode ser tratada à luz da abordagem das mentalidades e da cultura, e seus significados podem influenciar vários segmentos da sociedade.

Para Schwarcz (1989), a festa tem função pedagógica e unificadora. Já Claval (2011) a define como um parêntese na vida das pessoas, minimizando as preocupações e os problemas que podem ser esquecidos, pois as tarefas repetitivas dão lugar aos ritmos inéditos, as estruturas rígidas da vida social apagam-se, as barreiras caem, a alegria é geral e todo mundo se fala. Watt (2004) a retrata como um evento bem direto, mas quanto maior se torna, e quanto mais peculiaridade adquire, mais complexa será sua organização.

## **Considerações finais**

Sabe-se que as festas populares e religiosas durante algum tempo eram consideradas profanas (TERRA, 2010), mas ao mesmo tempo são entendidas como rituais e incidem em momentos especiais de convivência social, nos quais alguns aspectos da realidade são colocados em evidência (DA MATTA, 1983).

A festa considerada como ritual pode ser caracterizada e celebrada pelos momentos vividos na sociedade que os tornam especiais, pois rompe a rotina diária do trabalho, sendo a representação simbólica da vida em comunhão.



A festa permite quebrar a monotonia do cotidiano reorganizando a vida do grupo, possibilitando a alegria e o dinamismo da existência humana. Trata-se de uma necessidade humana, tão humana como o trabalho, [...] convivência que necessita do riso, da alegria, da irreverência e da felicidade, além do trabalho, do compromisso e da ordem estabelecida. (GÓMEZ, 2011, p. 83).

A manifestação da festa acontece através do rompimento da rotina, pois “o tempo da cotidianidade é interrompido no momento da festa, para ser reafirmado coletivamente, e ao mesmo tempo vem ratificar a existência identitária dos indivíduos perante a sua cultura” (CHAVES, 2011, p. 42). Para Ferreira (2000), a festa deve ser vista como um conjunto de atos cerimoniais de caráter coletivo, através da sua colocação dentro de um tempo delimitado, tido como diverso da cotidianidade.

O trabalho apresentado neste artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre as festas infantis, mas, dado o recorte e as limitações de um artigo, optamos por apresentar o debate teórico que adensa o nosso olhar geográfico sobre as festas e celebrações. O trabalho foi pautado na discussão sobre a festa, sua origem, significados e simbologia. Foram refletidos temas da Geografia Cultural sobre festa no contexto atual, mais especificamente as festas infantis que acontecem em espaços privados para lazer e entretenimento.

A pesquisa foi permeada pelo histórico das festas na sociedade, remontando a períodos históricos, desde o Egito Antigo até os dias atuais.

## Referências

- BERLAND, Gisela Tomanik. *Dia de festa: receitas e histórias para comemorar*. Ilustração de Luciana Schiller. São Paulo: Ed. Nacional, 2010.
- CANTON, Antonia Marisa. *Eventos: ferramenta de sustentação para as organizações do terceiro setor*. São Paulo: Roca, 2002.
- CASTILHO, Thiago. *Guia do Brigadeiro*. Bauru: Alto Astral, 2012.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. A festa em perspectiva antropológica: carnaval e os folguedos do boi no Brasil. *ArtLogie*, Paris, n. 4, 2013. Disponível em: <<http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article183>>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- CHAVES, Fabiana Nogueira. *As festas populares e o contexto midiático: Lavras Novas e o futuro de sua identidade cultural*. 2011. 140 f. Dissertação

(Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na geografia. *Revista Mercator*, Fortaleza, ano 1, n. 01, p. 19-28, 2002. Disponível em: < <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/192/158>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a escola de Berkeley: uma apreciação. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 9-33.

COSGROVE, Denis Edmund. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução a geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 15-32.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

DUCAN, James. O supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução a geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho; ROCHA, Cristina. “Vou fazer seis anos! Queres vir à minha festa?” A construção sócio-cultural do aniversário: valores, práticas sociais em contextos de Jardim de Infância e famílias de meio rural e urbano”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL MUNDOS SOCIAIS E CULTURAIS DA INFÂNCIA, 3., 2000, Braga. *Actas...* Braga: Universidade do Minho, 2000. p. 356-372. Disponível em: <[www.fpce.up.pt/ciie/publs/artigos/aniversario.doc](http://www.fpce.up.pt/ciie/publs/artigos/aniversario.doc)>. Acesso em: 5 mar. 2015.

FERREIRA, Maria Nazareth. *As festas populares na expansão do turismo: a experiência Italiana*. São Paulo: Arte e Ciência, 2005.

FRAZER, James George. *O ramo de ouro*. Tradução Waltensir Dutra. [Rio de Janeiro]: Zahar Editores, 1982.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREYRE, Gilberto. On the iberian concept of time. In: \_\_\_\_\_. *O brasileiro entre os outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas interrelações*. Brasília: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1975. p.132-144.

GEHRINGER, Max. Bertha Celeste: a autora do “Parabéns à você”. *Revista*

*Superinteressante*, São Paulo, v. 161, fev. 2001. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/bertha-celeste-a-autora-do-parabens-a-voce>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I (Orgs.). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2001. 2 v. p. 969-975.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário de etimologia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1979.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Tradução João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. (Coleção Estudos).

LEBRUN, Françoise. *Le livre de l'anniversaire*. Paris: Laffont, 1987.

LINTON, Adelin; LINTON, Ralph. *The Lore of Birthdays*. Illustrated by Bunji Tagawa. H. [S.l.]: Schuman, 1952.

LOBATO, Lúcia. Festa: uma transgressão que revela e renova. In: \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Érico José Souza de (Orgs.). *Caderno do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade*. Salvador: UFBA/ PPGAC, 2008. p.13-17. (Festas, 20).

MAIA, Carlos Eduardo Santos. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 177-199.

MEIRELLES, Gilda Fleury. *Tudo sobre eventos*. São Paulo: STS Publicações e Serviços, 1999.

MELLO, João Baptista Ferreira. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 167-174, dez. 2008. Edição Comemorativa 1993-2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6145/4417>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

QUINTAS, Fátima. *A saga do açúcar*. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2010.

SANTOS, Núbia de Oliveira. *Quando “menos” é “mais”*: a criança e seu aniversário. 2013. 265 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SCHIMITT, Jean-Claude. *L' invention de l'anniversaire*. [S.l.]: Les éditions Arkhê, 2009.

SHINOHARA, Neide Kazue Sakugawa et al. Leite condensado: gerações do

leite moça. *Revista Comportamento, Cultura e Sociedade*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 75-93, jan./jun. 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/revistacontextos/article/view/406>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

SILVEIRA, Maria Helena; LAURENTI, Ruy. Os eventos vitais: aspectos de seus registros e inter-relação da legislação vigente com as estatísticas de saúde. *Revista de Saúde Pública de São Paulo*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 37-50, jan. 1973.

SIROTA, Régine. Nouvelles sociabilités enfantines, l'apparition d'un rituel à propos de l'anniversaire. *Informations sociales*, v. sp., n. 65, p. 104-111, 1998. (Dossier La parole de l'enfant).

SOUZA, Lucas Barbosa e. Percepção ambiental e fenomenologia de Husserl: um exercício de reaproximação. In: CORCINO JUNIOR, Givaldo Ferreira; SILVA, Valéria Cristina Pereira da (Org.). *Natureza e representações imaginárias*. Curitiba: Appris, 2013. p. 11-27.

TERRA, Ana Carolina Lobo. Festas Populares: simbolismo, trajetória e possibilidades na geografia cultura. *Braslian Geographical Journal: geociences and humanities research medium*, Uberlândia, v.1, n. 2, p. 211-227, jul./dec. 2010.

VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada: do Império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 1.

**Recebido em:** 26/01/2016

**Aprovado em:** 19/03/2016